**O ódio do analista: considerações a partir de o ódio na contratransferência**

**Douglas Rodrigo Pereira[[1]](#footnote-2)**

**Nelson Ernesto Coelho Junior[[2]](#footnote-3)**

O artigo “*O ódio na contratransferência*” (1947) é um clássico da literatura analítica. Dentre as ideias de Winnicott apresentadas neste texto, destacamos a que consideramos fundamental: a sustentação da análise do ódio do analista como instrumento clínico para a avaliação do tipo de transferência/contratransferência vivida em um determinado momento de uma análise. Com base em uma leitura desconstrutiva do citado texto de Winnicott, o nosso objetivo é apresentar algumas considerações sobre o ódio do analista. O surgimento de um ódio vivo no analista pode indicar que uma dimensão não-neurótica do psiquismo do analisando está sendo tocada; ao mesmo tempo em que a dimensão não-neurótica do analista é evocada pelo contato com a área não-neurótica do analisando. Winnicott nos leva para o campo da psicose de transferência, no qual a sobrevivência do analista é colocada no centro da clínica. O ódio do analista surge como uma estratégia de sobrevivência diante do impulso amoroso primitivo do analisando/bebê. Finalizamos mostrando como este artigo de Winnicott é um trabalho-testemunho de um analista procurando manter a vitalidade de sua presença e de sua escuta.

**Palavras-chave**: ódio do analista – ódio na contratransferência – Winnicott – sobrevivência do analista.

**Eixo-temático**: as violências atuais na clínica: discussão e análise de casos: transferência e contratransferência na clínica das violências.

**Introdução[[3]](#footnote-4)**

Nos anos quarenta e cinqüenta do século passado a contratransferência foi tema de importantes trabalhos. Desde as contribuições seminais de Ferenczi sobre o papel do analista em casos de pacientes severamente adoecidos (1928/2011), foi neste citado período histórico em que a análise da contratransferência passou a ser pensada como um instrumento clínico imprescindível para a investigação da dinâmica da dupla analítica em uma sessão. Como exemplo de artigos clássicos sobre a contratransferência desenvolvidos nesta época, citamos os trabalhos de Heimann (1989/1950), Racker (1982/1953) e Searles[[4]](#footnote-5) (1979). É neste mesmo contexto que Winnicott escreve e publica “*O ódio na contratransferência*” (1947/2000). Trata-se de um de seus artigos mais conhecidos, mas que foi recebido de forma pouco acolhedora na época de sua publicação (Kahr, 2015).

 Passados mais de setenta anos de seu surgimento, o que este artigo de Winnicott pode nos ajudar em nossa apreensão do ódio do analista? Partindo de uma leitura que busca realizar um exercício de interpretação desconstrutiva do citado texto de Winnicott, o nosso objetivo é apresentar algumas considerações sobre o ódio do analista. Ressaltamos que não faremos uma exposição do texto em sua íntegra e não temos a pretensão de apresentá-lo exaustivamente. O nosso eixo de leitura é o ódio do analista Winnicott e a forma como ele expressa esse afeto em seu texto.

O crítico literário Miller (1995) salienta que a leitura desconstrutiva tenta resistir à totalização da forma e da interpretação, ou seja, o fechamento do texto em uma verdade primeira, em um sentido quase transcendental. Assim, “a desconstrução tenta resistir às tendências totalizantes e totalitárias da crítica. Tenta resistir às suas próprias tendências de repouso em algum sentido de dominação sobre a obra” (p.49). Neste sentido, e influenciados pelos métodos de leitura utilizados por Ogden (2014/2001) e Figueiredo (1999), procuramos problematizar, realizar aberturas e promover questionamentos sobre o ódio do analista Winnicott. Sendo assim, apenas destacaremos os pontos que nos forem necessários para a nossa reflexão.

**O texto**

“*Algumas observações sobre o ódio*” (*Some observations on hate*) é o título do texto apresentado por Winnicott em 1947 à “*British Psycho-Analytical Society”* (Kahr, 2015). Perguntemos: por que para a publicação no “*International Journal of Psycho-Analysis*” Winnicott mudou o nome de seu texto para “*O ódio na contratransferência*” (*Hate in the counter-transference*)? Será que ele pôde se desprender de algo que o impedia de dar um título mais preciso ao trabalho? Ora, o seu foco não era algo vago – como poderia indicar o título “algumas observações sobre o ódio” – mas um ponto bem circunscrito: o ódio do analista – e o ódio pessoal de Donald Woods Winnicott. De certa maneira, seu artigo é produto de uma forma de elaboração de seu ódio por seus pacientes psicóticos.

Winnicott odiava. Lembramo-nos de um evento sobre Winnicott realizado em São Paulo. Uma analista “estritamente winnicottiana”, em uma mistura de ingenuidade e arrogância, afirmava e reafirmava que a psicanálise de Winnicott, diferentemente da “psicanálise tradicional”, estava apta, porque “abençoada”, a ser uma mãe incansável e disposta a atender os pacientes/bebês em todos os momentos necessários, cuidando de todas as suas necessidades. Espantou-nos essa imagem idílica do analista Winnicott. Sem dúvida, ele odiaria a fala dessa “winnicottiana”. “*O ódio na contratransferência*” revela um Winnicott “analista humano”, não um “analista divino”: Ele odiou alguns de seus pacientes psicóticos e regredidos e até desistiu de atender uma mulher que muito lhe irritava[[5]](#footnote-6) (Kahr, 2015) – que espanto, dirão alguns. Voltemos para “Winnicott humano”.

Em um interessante artigo, Kahr (2015) faz um rastreamento da origem do “*Ódio na contratransferência*”. Alguns fatores levaram Winnicott a se interessar pelo tema do ódio: 1) contexto sócio-cultural (o horror da segunda guerra e o trabalho de Winnicott com crianças evacuadas de suas casas); 2) a sua clínica com pacientes psicóticos, adolescentes difíceis – esses últimos estão próximos ao que Winnicott designará como tendência anti-social; 3) a crítica ao que ele considerava as arbitrariedades da psiquiatria de seu tempo – algumas intervenções psiquiátricas seriam formas de atuação do ódio dos psiquiatras aos pacientes. Em nossa opinião, Kahr desconsidera outro fator que entendemos ser fundamental para o interesse de Winnicott no ódio: o seu progressivo distanciamento do pensamento kleiniano. Ele já havia escrito “*Desenvolvimento emocional primitivo*” (2000b/1945) e estava iniciando o período mais criativo e central de sua obra. Recusando a pulsão de morte, Winnicott precisava encontrar uma nova gênese para o ódio. Assim, o ódio entrou e permaneceu em seus questionamentos clínicos e teóricos.

**Donald Woods Winnicott e o seu ódio**

Em 1947 o trabalho de Winnicott com os seus pacientes mais graves não estava em um bom andamento. Kahr (2015) nos mostra como os adolescentes evacuados de suas casas causavam transtornos na vida de Winnicott. Para vermos isto, bastar olharmos para o famoso exemplo do garoto que viveu por um tempo com o analista inglês. Retirado de sua família, esse menino de nove anos causava transtornos absurdos para Winnicott e sua esposa. Winnicott não titubeia em escrever sobre o ódio que sentiu desse menino.

Bati nele? A resposta é não, nunca. Mas eu teria tido que bater nele se não *soubesse tudo a respeito do meu ódio*, e se não o fizesse saber também. Nas crises eu o pegava com toda a minha força física, sem raiva ou acusações, e o colocava para fora pela porta da frente, fosse qual fosse o tempo que estivesse fazendo de dia ou à noite (p.284, grifos nossos).

Winnicott afirma que assim o fez porque sabia tudo a respeito de seu ódio – mas é possível saber tudo a respeito de nosso ódio? Ele continua reafirmando a legitimidade desse ódio: “Esse episódio da vida cotidiana pode servir para ilustrar o tema geral do “*ódio legítimo no presente*” (p.284). Ódio no presente seria motivado pelos efeitos do impulso amoroso primitivo do paciente no psiquismo do analista. Mas este “*ódio legítimo no presente*” não seria uma forma de expressão de um “*ódio legítimo no passado*” – visto que o ódio é vivido pelo analista em um registro primitivo de seu psiquismo? Winnicott afirma isso: o analista vive o seu ódio em um plano psíquico primitivo. Entendemos que o ódio é vivido como uma forma de defesa narcísica contra a ameaça de aniquilação (Minerbo, 2009).

A fim de nos tornarmos capazes de analisar pacientes psicóticos, *devemos alcançar em nossas análises os níveis mais primitivos em nós mesmos*, e este é apenas mais um exemplo de que as respostas para muitos problemas obscuros da prática psicanalítica encontram-se na análise adicional do psicanalista (p. 279, grifos nossos).

O sonho relatado por Winnicott é outro exemplo de como o registro primitivo da psique do analista é tocado pelo contato vivo com o psiquismo do paciente psicótico ou neurótico regredido. Trata-se de um “sonho curativo” – a expressão é de Winnicott – vivido como o efeito da dinâmica transferencial/contratransferencial com uma de suas pacientes psicóticas. Winnicott divide o seu sonho em duas partes: na primeira o conteúdo representativo está relacionado à castração e aos aspectos neuróticos de seu psiquismo; mas é a segunda parte que aqui nos interessa. Essa paciente exigia uma não-relação de Winnicott com o seu corpo e com a sua imaginação. Winnicott precisava ser uma mente em contato com outra mente. Era-lhe negado ter um corpo e perceber o corpo de sua paciente. Em um comentário às suas associações sobre o sonho, ele afirma:

O ponto crucial, entretanto, era o de que eu tinha que compreender a minha própria ansiedade, e esta estava representada em meu sonho pela ausência do lado direito do meu corpo no momento em que tentei entrar em contato com a peça que as pessoas da platéia assistiam. Esse lado direito do meu corpo era o lado que tinha uma ligação com essa paciente especifica, sendo consequentemente afetado por sua necessidade de negar totalmente até mesmo uma relação imaginária entre os nossos corpos. *A negação estava provocando em mim essa ansiedade de tipo psicótico, muito menos tolerável que a ansiedade de castração comum* (p.282, grifos nossos).

Vemos Winnicott em contato com aspectos primitivos/constitutivos de seu psiquismo. O contato com pacientes neuróticos mobiliza a ambivalência e o ódio recalcado do analista – será que se trataria mesmo de ódio? O analista encontra meios de expressar esse ódio, como no final da sessão, por exemplo. No entanto, o contato com casos de psicose e neuróticos regredidos mobilizaria o registro narcísico do analista. Nestes casos, o ódio do analista é um fato, pois o impulso amoroso primitivo do analisando, essa sua dependência absoluta, promove uma reação odiosa no analista.

Esta é a tese central de Winnicott: a mãe/analista deve odiar o seu bebê/paciente para que o processo paulatino de desilusão possa acontecer. O bebê precisa “(...) de ódio para poder odiar. Se isto é verdade, não podemos esperar que um paciente psicótico em análise consiga tolerar o seu ódio pelo analista a não ser que o analista possa odiá-lo” (p.287). O impulso amoroso primitivo, que é impiedoso e cruel, exige da mãe e do analista tudo: ainda não há um outro para o bebê e a capacidade de viver a culpa ainda não foi alcançada (concernimento). Neste estágio primitivo, ele não odeia a sua mãe, mas será a sua exigência impetuosa que provocará o ódio necessário: a mãe odeia o bebê antes de ela (mãe) existir para ele. O bebê alcançará a capacidade de odiar somente após ter conquistado a integração e a capacidade de discriminação eu/outro: ele só poderá odiar e agredir os objetos totais.

**Da neurose de transferência à psicose de transferência**

“O manejo de psicótico é inevitavelmente irritante”, afirma Winnicott (1947/2000, p. 277). O trabalho interminável – quase insalubre, muitas vezes – com pacientes psicóticos e neuróticos regredidos levam o analista a ter um trabalho de cuidado ambiental muito próximo ao que a mãe exerce com o seu bebê. O que Winnicott talvez não tenha devidamente ressaltado é o perigo da indiferenciação permanente da mãe no contato com o seu bebê. Do ponto de vista do bebê, a mãe não está lá como objeto, mas está presente como sustentação ambiental da ilusão, dando-lhe a continuidade de existência ao seu *self.* Do ponto de vista da mãe, ela experimenta a unidade com o seu bebê, como ocorre na preocupação materna primária. Todavia, ela também precisa se separar de seu bebê para poder promover a desilusão. Trata-se de um paradoxo: a mãe precisa viver e suportar a indiferenciação entre ela e seu bebê; ao mesmo tempo em que ela precisará recuperar a sua diferença em relação a ele.

Este é um ponto importante para o manejo clínico com este tipo de paciente: como suportar e trabalhar na linha tênue entre diferenciação/indiferenciação? Vemos Winnicott pensando na diferenciação entre a neurose de transferência (repetição, angústia de castração, recalque, relações com objetos e uso dos objetos) e uma forma de psicose de transferência (indiferenciação, impulso amoroso primitivo e dependência absoluta do ambiente). Na neurose de transferência, se tudo vai bem, a hostilidade do analista é vivida com menos intensidade e pode ser representada por intervenções verbais. Na psicose de transferência, contudo, o ódio do analista é um efeito do impulso amoroso primitivo do analisando. Assim como a mãe odeia o seu bebê como uma forma de se diferenciar dele e de suas demandas, o analista também assim o fará: estará indiferenciado e diferenciado de seu analisando - e o ódio é uma forma de manter essa diferenciação.

**Um analista em busca de vida: o ódio na contratransferência como um trabalho-testemunho do analista Donald Woods Winnicott**

Como salientamos no início de nosso texto, procuramos realizar aberturas e promover questionamentos. Finalizamos com a constatação de que “*O ódio na contratransferência*” (1947/2000) é trabalho-testemunho do analista Donald Woods Winnicott. Mas o que é testemunhado? O trabalho de um analista vivo em busca de sua sobrevivência e da sobrevivência da análise. Não é sem razão que uma das últimas contribuições de Winnicott (1975/1969) diz respeito à destrutividade e à sobrevivência do objeto: ele sempre esteve às voltas com o tema da sobrevivência psíquica do analista.

Continuemos a procurar meios de manutenção de nossa sobrevivência psíquica – não seria uma comunicação em um congresso de psicanálise uma forma desse tipo sobrevivência do analista?

**Referências**

Coelho Junior, N.E. (2018). From Ogden to Ferenczi – the constitution of a contemporary clinical thougth. Trabalho apresentado no *13th International Sándor Ferenczi Conference: Ferenczi in our time and a renaissance of psychoanalysis*, Florence, Italy.

Ferenczi, S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi. *Obras completas: psicanálise IV* (pp.29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).

Figueiredo, L.C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.

Heimann, P. (1989). On counter-transference. In P. Heimann. *About children and children-no-longer: collected papers* 1942-80 (pp 73-79). London and New York: Tavistock/Routledge. (Trabalho original publicadoem 1950).

Kahr, B. (2015). Winnicott’s anni horribiles: the biographical roots of “Hate in the counter-transference”. In M.B. Spelman & F. Thomson-Salo. *The Winnicott tradition: lines of development—evolution of theory and practice over the decades* (pp 69-84). London: Karnac.

Miller, J.H. (1995). O crítico como Hospedeiro. In J.H. Miller. *A ética da leitura* (pp 11-49). Rio de Janeiro: Imago.

Minerbo, M. (2009). *Neurose e não-neurose*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Ogden, T.H (2014). “Desenvolvimento emocional primitivo”, de Winnicott. In T.H. Ogden, *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais* (pp 117-142). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 2001).

Racker, H. (1982). A neurose de contratransferência. In H. Racker. *Estudos sobre técnica psicanalítica* (pp 100-119). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1953).

Searles, H. (1979). Concerning Transference and Countertransference. In*:International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy,*pp. 165-188.

Winnicott, D. W. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 121-132). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1969)

Winnicott, D.W. (2000). O ódio na contratransferência. In D.W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp 277-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1947).

Winnicott, D.W. (2000b). Desenvolvimento emocional primitivo. In D.W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).

1. Psicanalista e doutorando em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Bolsista CNPQ. [↑](#footnote-ref-2)
2. Professor doutor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), psicanalista e autor de “*Dimensões da intersubjetividade*” (2012) e “*Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em psicanálise*” (2018), em coautoria com Luis Claudio Figueiredo, entre outros livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais da área. [↑](#footnote-ref-3)
3. Este trabalho é um desdobramento de nossa pesquisa de doutorado sobre o ódio em análise. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e tem bolsa do CNPQ. [↑](#footnote-ref-4)
4. O artigo de Searles “*Concerning Transference and Countertransference*” foi publicado em 1979, mas foi escrito em 1946 e submetido para publicação em 1949. Contudo, a sua publicação foi negada por dois periódicos (Coelho Junior, 2018). Por essa razão, podemos incluir este texto de Searles no rol de trabalhos importantes sobre a contratransferência que vieram à tona nos anos 40 e 50 do século passado. [↑](#footnote-ref-5)
5. Kahr (2015) discute essa situação em seu texto. Trata-se do caso “*Gladys Watson-Dixon*”. [↑](#footnote-ref-6)